



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO: PRÁTICAS
PEDAGÓGICAS INTERDISCIPLINARES**

MARIA MARCELINA VALDIVINO LOPES

NOVOS OLHARES PARA UMA LEITURA DINÂMICA NO COTIDIANO ESCOLAR

PATOS – PB

2014

MARIA MARCELINA VALDIVINO LOPES

NOVOS OLHARES PARA UMA LEITURA DINÂMICA NO COTIDIANO ESCOLAR

Monografia apresentada ao Curso de Especialização Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com Escola de Serviço Público do Estado da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de especialista.

Orientadora: Ms Gabriela Tavares dos Santos

PATOS – PB

2014

UEPB - SIB - Setorial - Campus VII

L864n Lopes, Maria Marcelina Valdivino
Novos olhares para uma leitura dinâmica no cotidiano escolar
[manuscrito] / Maria Marcelina Valdivino Lopes. - 2014.
32 p.

Digitado.

Monografia (Especialização em Fundamentos da Educação:
Práticas Ped. Interdisciplinares) - Centro de Ciências Exatas e
Sociais Aplicadas, Universidade Estadual da Paraíba, 2014.

"Orientação: Profa. Msc. Gabriela Tavares dos Santos,
CCEA".

1. Leitura. 2. Prática pedagógica. 3. Professor de ensino
fundamental. 4. Formação de professores. I. Título.

21. ed. CDD 372.4

MARIA MARCELINA VALDIVINO LOPES

NOVOS OLHARES PARA UMA LEITURA DINÂMICA NO COTIDIANO ESCOLAR

Monografia apresentada ao Curso de Especialização Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com Escola de Serviço Público do Estado da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de especialista.

Aprovada em ____ / ____ /2014.



Prof.ª Dr.ª Gabriela Naves dos Santos / UEPB
Orientadora



Prof.ª MSc. Wanda Izabel Monteiro de Lima Marsiglia / UEPB
Examinadora



Prof.ª Dr.ª Diane de Fátima Oliveira / UEPB
Examinadora

Dedico esta monografia a minha família pela fé e confiança demonstrada

Aos meus amigos pelo apoio incondicional

Aos professores pelo simples fato de estarem dispostos a ensinar

A orientadora pela paciência demonstrada no decorrer do trabalho

Enfim a todos que de alguma forma tornaram este caminho mais fácil de ser percorrido.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus primeiramente que iluminou o meu caminho durante esta caminhada. Agradeço também ao meu companheiro José Ivam Rodrigues, que de forma especial e carinhosa me deu força e coragem, me apoiando nos momentos de dificuldades, quero agradecer também ao meu filho Klysman Valdivino Lopes Nóbrega, minhas filhas Mayanne Krysthinne Valdivino Lopes Nóbrega e Mayenne Krysthinne Valdivino Lopes Nóbrega Marinho, minhas netas Heloise Krysthinne Valdivino Lopes Marinho, Helena Krysthinne Valdivino Lopes Marinho, meu genro Waldez Balduino Marinho, minha nora Jucilene Rodrigues Lopes, que embora não tiveram conhecimento disto, mas iluminaram de maneira especial os meus pensamentos me levando a buscar mais conhecimentos.

E não deixando de agradecer de forma grata aos meus pais (in-memória): Francisco Caripuna, Maria de Lourdes Valdivino Lopes, aos meus irmãos e toda minha família.

A professora Gabriela Tavares dos Santos, pela paciência na orientação e incentivo que tornaram possível a conclusão desta monografia.

A todos os professores do curso, que foram tão importantes na minha vida acadêmica e no desenvolvimento desta monografia.

Aos colegas e amigos, pelo incentivo e pelo apoio constante, em especial Joelma Alves Cândido, pelo apoio incondicional na elaboração do presente trabalho.

A leitura é uma porta aberta para um mundo de descobertas sem fim"

Sandro Costa.

RESUMO

O processo ensino-aprendizagem de uma língua, no contexto escolar, exige dos educadores, não apenas a busca do “método ideal” para ensinar, mas a busca de uma metodologia que possibilite o educando a ter um ensino-aprendizagem de qualidade. Esta pesquisa tem como objetivo geral de despertar, incentivar e promover a leitura no âmbito escolar. Este estudo realizou-se através de pesquisas bibliográficas, baseadas em Freire (1985), Geraldi (2005), e outros autores que estão relacionados ao tema. De início, faz-se uma reflexão sobre a leitura na concepção escolar. Em seguida, enfatizam-se os novos olhares sobre o ensino da leitura e, como etapas finais apresentam-se os processos de aquisição da leitura na escola que pressupõem práticas pedagógicas mais eficientes na busca da formação de bons leitores e produtores de textos.

PALAVRAS-CHAVE: Leitura. Escola. Professor. Práticas. Formação

ABSTRACT

The process teaching-learning of a language, in the school context, demands from us educators, not just the “ideal” method to teach, but the search of a methodology that makes possible the student to have a quality teaching-learning. This research has as objective evidences the importance of working with more intensity the reading in class room, pointing out that is indispensable that the teachers know as using other mechanisms on behalf of a more efficient learning and it compacts. This study took place through bibliographical researches, based on Freire (1985), Geraldi (2005), and other authors that are related to the chosen theme. At the beginning, it is made a reflection on the reading teaching and, as final stage they come the processes of acquisition of the reading in the school that you/they presuppose more efficient pedagogic practices in the search of the good readers’ formation and producing of texts.

KEY-WORDS: Reading. School. Teacher. Didactic. Resources.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
2 A LEITURA NA CONCEPÇÃO ESCOLAR	11
2.1 Conceitos e delimitações	11
2.2 A prática da leitura em sala de aula	13
2.3 Estratégias de leitura	15
2.4 A leitura segundo os PCN	17
3 NOVOS OLHARES SOBRE O ENSINO DE LEITURA	19
3.1 A leitura e as novas tecnologias	19
3.2 Fatores que dificultam a aprendizagem do leitor	20
3.3 Família x escola no ensino aprendizagem	21
3.4 Metodologias utilizadas em sala de aula no processo de aquisição de leitura.....	23
4 AQUISIÇÃO DA LEITURA NA ESCOLA.....	25
4.1 A importância da biblioteca nas instruções educacionais.....	25
4.2 Formação docente.....	26
4.3 Os percursos da obrigação x prazer.....	29
4.4 Motivação.....	30
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	32
REFERENCIAS.....	33

1 INTRODUÇÃO

Reconhecendo que a leitura tem grande importância na vida de todo indivíduo, uma vez que ela representa um dos meios mais eficientes, o acesso à cultura e a aquisição de experiências, este trabalho apresenta-se com o objetivo geral de despertar, incentivar e promover a leitura no âmbito escolar.

Tem como objetivos específicos: Proporcionar o prazer da leitura e aguçar o potencial cognitivo e criativo do aluno; compreender o processo de aprendizagem através da leitura; promover e auxiliar o educando no processo da leitura dinâmica. No mundo em que se vive caracterizado pela circulação social de um grande e diversificado volume de informações, a capacidade de ler e de interpretar textos, em múltiplas linguagens, é imprescindível. Esse desconhecimento sobre a importância e a necessidade da leitura torna-se um entrave no processo de desenvolvimento do aluno, uma vez que ele não a vê como algo prazeroso, não se sente motivado a ler diariamente e espontaneamente, deixando para trás chances de vivenciar ricas experiências, e foi nesta visão que resolvi desenvolver este trabalho, diante de tantas dificuldades e no descompromisso das crianças com a leitura.

A leitura é um instrumento valioso para a apropriação de conhecimentos relativos ao mundo exterior. Não apenas isso, ela pode se constituir também em um poderoso instrumento para o autoconhecimento.

Não se lê um mesmo texto da mesma maneira. Há leituras respeitadas, analíticas, leituras para ouvir as palavras e as frases, leituras para reescrever, imaginar, sonhar, leituras narcisistas em que se procura a mesmo, leituras mágicas em que seres e sentimentos inesperados se materializam.

No entanto, a escola, como instituição responsável pelo desenvolvimento desses saberes lingüístico, não vem cumprindo seu papel no tocante a seu objetivo maior, que é aplicar um método de aprendizagem produtivo da leitura e que, ainda, condicione a aluno a ser um bom produtor de texto, de modo a atender às múltiplas demandas sociais, respondendo assim a distintos propósitos comunicativos e expressivos.

Entende-se, assim, que cabe ao professor capacitar o aluno a ser um produtor/leitor eficiente, por meio de atividades que o levem a enxergar e se utilizar da leitura e da escrita como ricos instrumentos de possibilidades comunicacionais. Desse modo, é responsabilidade das instituições escolares fazer da leitura uma fonte de prazer, pois os alunos necessitam

penetrar nesse universo da leitura e assim, adquirir as competências necessárias para a formação de um leitor competente.

Esta pesquisa é de natureza bibliográfica utilizando livros, artigos impressos e materiais disponibilizados pela internet; fundamentados em autores que comumente são utilizados nas escolas como fontes de pesquisas. Entre os autores pesquisados destaca-se os trabalhos de Freire (1985), Morais (1996), Geraldi (2005), Ferreiro (2001) entre outros.

Com esta metodologia pretende-se ampliar os conhecimentos sobre as práticas da leitura no ensino aprendizagem.

O trabalho está assim sistematizado na primeira parte, aborda-se a leitura na concepção escolar e apresentam-se conceitos sobre leitura e sobre a prática da mesma em sala de aula; na segunda, propõem-se novos olhares sobre o ensino; no terceiro item, descreve-se como é a aquisição da leitura na escola, enfatizando-se a importância da biblioteca nas instituições educacionais, apresentando ainda como procede a formação docente, os percursos da obrigação versus o prazer e, por fim, a motivação.

Neste contexto, buscou-se destacar a importância do hábito da leitura, ou seja, fazer com que os educadores busquem novos meios que possam favorecer possibilidades de leitura, proporcionando condições para o desenvolvimento das capacidades do uso eficaz da leitura e, posteriormente, fazer com que os alunos utilizem-se com as capacidades necessárias, enfim, que a escola seja um espaço que garanta ao aluno adquirir e ampliar o domínio da leitura nas mais variadas situações comunicativas.

2 A LEITURA NA CONCEPÇÃO ESCOLAR

2.1 Conceitos e delimitações

A evolução pela qual passaram muitas comunidades humanas, nas últimas décadas, tem se cobrado do homem moderno uma maior competência técnica e, ao mesmo tempo, provocado sérias mutações em padrões e valores sociais vigentes. As inúmeras mudanças significativas na educação, que necessitam de uma contínua avaliação dos seus avanços e retrocessos. A escola não tem atingido esse desenvolvimento na junção integradora do homem com o mundo. Isso se deve ao fato de até então ter-se mantido uma escola descontextualizada, com uma prática educativa desvinculada do que seria seu objetivo maior: promover a autonomia humana.

Em toda história da educação transitou-se sempre entre o tradicional e as novas tendências pedagógicas. E em todo momento de transição, costuma-se sempre adaptar o antigo ao novo. Porém, essa é uma nova etapa rumo a uma verdadeira mudança, que só acontecerá quando desvencilhar-se de velhos modelos e aceitar-se o novo como possibilidade de evolução.

Há quem afirme que a leitura é o resultado da interação entre o que o leitor já sabe e do que absorve depois da leitura de um texto. No entanto, a leitura não objetiva simplesmente extrair informações da escrita, buscando descobrir palavras e letras.

Segundo Smith (1999, p.48)

A leitura é um processo cognitivo cultural cujo sistema de símbolos exige uma seleção de codificação e decodificação do signo aliada a um conhecimento prévio do leitor, o que significa exercício e prática para seu desenvolvimento. Sugerem para tal, programas de leitura que possam estabelecer relação entre a leitura e o significado.

Nas palavras de Smith, uma concepção transparente do processo cognitivo, entretanto, permite reproduzir em sala de aula, mediante tarefas que emitam o comportamento do leitor proficiente, usando estratégias que caracterizem o comportamento reflexivo, de nível constante do leitor.

Nas palavras de Lajolo (apud GERALDI, 2005, p.91)

Ler não é decifrar, como num jogo de adivinhação, o sentido do texto. E a partir do texto, ser capaz de atribuir-lhe significado, conseguir relacioná-lo a todos os outros textos significativos para cada um, reconhecer o tipo da própria vontade, entregar-se a esta leitura, ou rebelar-se contra ela, propondo outra não prevista.

De acordo com o pensamento do autor, o ato de ler constitui-se a partir de tarefas que manifestam diversas estratégias intelectuais e que oportunizam a formação do pensamento crítico, tendo em vista que o leitor não deve comportar-se passivamente diante das informações apresentadas nos textos.

Ler significa ser cobrado pelo mundo e por si mesmo, significa que certas respostas podem ser encontradas na escrita, significa poder ter acesso a essa escrita, construir uma resposta que integra parte das novas informações ao que já se é.

2.2 A prática da leitura em sala de aula

Com os acontecimentos atuais da educação, grandes dificuldades por parte dos educadores, no que diz respeito ao trabalho com a leitura. Nesse contexto, fica evidente que a prática da leitura em sala de aula é um desafio a todo docente, dessa forma, é preciso refletir sobre tal questão.

Observa-se, assim, que a leitura é um processo contínuo, o qual atingiu o desenvolvimento da percepção crítica da realidade que cerca o ser humano. No entanto, cabe ao professor transformar a escola e a sala de aula num espaço que estimule o hábito da leitura, e que este mesmo hábito não se restrinja apenas ao simples ato de decodificar palavras, frases, mas também compreenda um trabalho com integração e interpretação do material dado (o texto), ou seja, que venha a existir uma interação aluno-texto.

Todavia, o professor de Língua Portuguesa encontra dificuldades em sua prática pedagógica, que atrapalham o seu planejamento, no que se diz respeito a introdução da leitura no cotidiano de seus alunos, sobretudo na escola tradicionalista em que se prioriza a atividade escrita, por outro lado, enxerga a oralidade como uma ponte na aprendizagem. Nesse sentido, a escola não tem dado a atenção que a leitura merece, sendo assim, a oralidade do aluno não tem tanta importância.

Nessa perspectiva, fica claro que muitos educadores dão ênfase ao estudo da Gramática Normativa, negando com isso a prática da leitura, e, além disso, pouco se tem feito para modificar essa realidade. Por outro lado, há educadores que estão se empenhando para elaborar e desenvolver trabalhos no campo da leitura com seus alunos, porém encontra a resistência inconsciente de alguns alunos que preferem dedicar algumas horas do seu dia diante da televisão, vídeo game ou computador.

A respeito desse assunto Monteiro (2004, p. 85) ressalta que

Forçar os alunos a aprender o português como se fosse uma língua de ritmo silábico é induzi-lo a modificar uma fala natural, produzindo aqueles leitores que leem “tudo explicadinho”, como se diz na escola, silabando as palavras, em vez de pronunciá-la como ritmo normal. Com isso não queremos dizer que a escola não possa ensinar o que é uma sílaba, como ela se estrutura em português, etc.; o que deve fazer é ensinar de maneira correta e adequada. Pode até ser que não seja interessante ensinar o que é sílaba na alfabetização, da mesma forma que não se ensina o que são morfemas, apesar de serem utilizadas na prática.

Para que o hábito da leitura venha se desenvolver, é necessário que as escolas e famílias permitam o acesso ao livro. Nesse sentido, cabe ao professor considerar e valorizar as situações de diálogo, variedades de situações envolvendo a leitura, criados em sala de aula; realizando rodas de conversas com frequência, incentivando a produção de textos dos alunos sem descaracterizá-los e introduzir em sala de aula a leitura de gêneros textuais diversificados com mais intensidade.

Portanto, fica claro que é necessária uma modificação no modo que os docentes aplicam ou desenvolvem suas aulas, pois os mesmos não devem continuar desenvolvendo uma avaliação pautada na repetição, na reprodução, na passividade, na aplicação mecânica de passos que devem ser seguidos e apresentados de acordo com os modelos oferecidos. Assim sendo, a criatividade é essencial na formação do educando e do cidadão, porém ela necessita de uma sustentação material, isto é, um ensino significativo, dando oportunidade para a participação e expressão das idéias, alternativas, compreensão crítica para com o erro, pesquisas e diálogo.

Cabe à escola capacitar o aluno a ser um produtor/leitor eficiente, por meio de atividades que o levem a enxergar e se utilizar da leitura e da escrita como instrumento indispensável para se adquirir conhecimentos.

Faz-se necessário que, a partir das séries iniciais da escolarização, a escola adote alguns procedimentos, no sentido de incentivar a leitura e a produção de textos criados pelos próprios alunos, visando formar futuros escritores e, posteriormente, que esses alunos não mais sintam tanta dificuldade quando forem submetidos à uma interação que exija o domínio da escrita. Pensando assim, vale destacar a importância da leitura nessa prática.

Sugere-se que os professores trabalhem com os paradidáticos, mas sem adotá-los, isto é, os livros devem ser escolhidos livremente pelos alunos. Nesse sentido, os alunos terão que fazer o resumo dos capítulos e, posteriormente, serem apresentados à turma em forma de álbum seriado, dramatizações, quadrinhos e fichamentos. As aulas de leitura e produção de textos tornam-se mais dinâmicas, e lúdicas, buscando assim despertar o interesse do educando.

Objetiva-se, assim, tornar os leitores mais criativos e soltos, de modo que eles venham a ser leitores independentes das tradicionais “fichas de leitura”.

Em linhas gerais, acredita-se que é inevitável modificar os procedimentos metodológicos utilizados em sala de aula pelos professores, pois cabe a eles a tarefa de inserir em suas aulas a prática de leitura e produção de textos, com frequência e diversidade, para

que assim os alunos consigam construir seus próprios textos, redações, ideias, argumentos sem tantos entraves, já que estão envolvidos no processo de leitura bem planejada.

2.3 Estratégias de leitura

As estratégias do leitor são operações de processamento do texto que se apoiam nas regras gramaticais e no reconhecimento do vocabulário (reconhecimento instantâneo da palavra texto) e podem ser cognitivas ou metacognitivas.

Segundo Kleiman (1997, p. 20)

As estratégias metacognitivas são as operações que o leitor emprega, orientadas por um objeto consciente e, portanto consegue identificar e avaliar o processo de sua própria leitura. Aqui, o leitor está em permanente investigação do seu próprio processo de ler em função de ter objetivos definidos para leitura.

As estratégias metacognitivas “são ações inconscientes do leitor, ações automatizadas das marcas formais do texto, operação que o leitor realiza rapidamente e de diversas maneiras” (KLEIMAN, 1997, p.20).

A eficiência da leitura em sala de aula depende, e muito, do tratamento didático e também da intervenção pedagógica que o professor necessita fazer no momento da utilização de estratégias de leitura no ensino-aprendizagem.

Sendo assim, cabe a escola destacar a importância do texto como elemento básico para um trabalho mais significativo com a leitura e a escrita na escola, visto que

O ensino de língua portuguesa tem sido marcado por uma sequência de conteúdos que se poderia chamar de aditiva: ensina-se a juntar sílabas (ou letras) para formar palavras, juntar palavras para formar frases e juntar para formar textos. (BRASIL, 2001, P.35)

Nesse sentido, se o primeiro objetivo da escola é formar alunos leitores e produtores de textos, ela precisa tomar como unidade básica de ensino o próprio texto, considerando-o em sua condição de manifestação da linguagem.

Com base nessa concepção, pode-se entender que o texto como

Produto da atividade verbal humana, é uma unidade semântica de caráter social que se estrutura mediante um conjunto de regras combinatórias de elementos textuais e oracionais, para manifestar a intenção comunicativa do emissor. (FERREIRO, 2001, p. 147).

Assim, o texto é o instrumento através do qual o aluno se utiliza para elaborar alguma mensagem para expressar suas ideias, seu ponto de vista, ou transmitir uma informação.

Entretanto, para os alunos que ainda não leem, a leitura pode ser feita tanto pelo professor quanto por outro aluno que já é leitor fluente, simplesmente professor deve propor atividades em grupo, e tenha o cuidado de não agrupar alunos com o mesmo nível de conhecimento, principalmente quando estes alunos ainda não leem e escrevem fluentemente, pois este tipo de agrupamento não é produtivo porque eles têm as mesmas dificuldades e que, por isso, não podem se ajudar mutuamente.

Conforme esclarecem os PCN (BRASIL, 2001, p.101)

O trabalho em grupo possibilita ricos intercâmbios comunicativos que embora tenha enorme valor social e pedagógico, nem sempre implicam interação produtiva do ponto de vista dos conteúdos escolares. Para que a interação grupal cumpra seu papel didático é preciso que os alunos realmente realizem juntos uma determinada atividade, que o resultado seja, de fato, produto da ação de grupo-não consciente, portanto, com o que nenhum aluno poderia realizar individualmente.

Por essa razão, faz-se necessário que o professor trabalhe sempre que possível a coletividade dos alunos, sobretudo para estabelecer a interação dialógica entre os sujeitos da aprendizagem, no entanto, devem tomar alguns cuidados para que esta atividade se configure com sucesso. É nesse momento que entra a mediação do professor, para verificar se apenas um componente do grupo não está realizando a atividade proposta sozinha.

Pensando num trabalho adequado no tocante à mediação de atividades de leitura, por parte do professor, Martins (1986, p.43) apresenta algumas reflexões sobre estratégias mais eficientes para uso dos textos.

No que se referem à leitura Antunes sugere que:

- ✓ Uma leitura de textos autênticos – não pode justificar uma leitura que não seja a leitura de textos autênticos, de textos em que há claramente uma função comunicativa, um objeto interativo qualquer. [...]
- ✓ Uma leitura interativa – qualquer texto precisa ser lido como sendo o lugar de encontro entre quem escreve e quem ler. [...]
- ✓ Uma leitura motivada – tudo o que se torna plena quando o leitor chega à interpretação dos aspectos ideológicos de texto, das concepções que, às vezes, sutilmente, estão embutidos nas entrelinhas [...] (AGUIAR, 1998, p. 79-81).

Diante de tal constatação, vislumbra-se a necessidade de inovação no ensino. Desse modo, os professores devem buscar um estudo mais aprofundado de algumas teorias que apresentam boas sugestões do ensino da leitura por meio de textos, lembrando sempre que segundo (Ferreiro, 2001, p.43), “o sentido não está pronto nos textos, mas vai ser construído a partir da interação do aluno com o texto, e também da proposta adotada pelo professor e da forma como vai ser trabalhada individualmente ou em forma de grupo”.

Sobre isso Silva (2000, p. 07) complementa que o ato pedagógico deveria ser compartilhado através do diálogo, das discussões e exposições das interpretações das ideias individuais, geradas pela incursão nos textos, a serem explorados coletivamente.

Entre as exigências básicas coloca-se o estabelecimento das relações dialógicas para aproximação das pessoas, para a realização do avanço cognitivo, sobre determinadas questões e para as decisões a serem tomadas a respeito das necessidades de aprendizagem do grupo. Sem a prática dessas relações, sem que os textos relacionados sejam devidamente discutidos, sem se organizarem os conteúdos do conhecimento, teremos a abordagem, por sua vez, será autoritária e geradora de medo, ou individualismo, ou conveniências oriundas da própria situação.

Nessas condições, enquanto não houver uma conscientização pelo trabalho coletivo, que gera a interação entre os professores engajados em repassar os conteúdos, para que antes não sejam apresentados aos alunos apenas para cumprir programas de grade curricular e atender às exigências burocráticas, é difícil conceber uma mudança, pois esta não acontece no vazio, e não suscita grandes resultados se for feito por meio de individualismo.

Acredita-se, assim, que o caminho para as práticas mais eficientes pode partir de um olhar mais atento do professor sobre questões referentes à linguagem e também por meio de uma maior interação entre professores. Portanto, os educadores devem percorrer os mesmos caminhos, se não, é impossível, qualquer tentativa de mudanças mais significativas no processo de ensino aprendizagem.

2.4 A leitura segundo os PCN

Os Parâmetros Curriculares Nacionais de Língua Portuguesa, de agora em diante PCN, apresentam-se como um referencial no que diz respeito ao ensino e aprendizagem da língua materna, propondo uma prática pedagógica reflexiva.

Este documento introduz a ideia de engajamento discursivo, ou seja, deve-se garantir ao aprendiz “a capacidade de se envolver outros no discurso”. (BRASIL, 2001, p. 19). O aluno precisa desenvolver pelo menos as habilidades comunicativas que levam em conta o critério de relevância social para a aprendizagem e os autores propõem a “leitura” como “a habilidade que o aluno pode usar em seu contexto social imediato.” (BRASIL, 2001, p. 20).

Os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN (BRASIL, 1998, p. 69-70) mostram que:

A leitura é um processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de compreensão e interpretação do texto, a partir de seus objetivos, de seu conhecimento, sobre o assunto, sobre o autor, de tudo que sabe sobre a linguagem etc. Não se trata de extrair informação, decodificando letra por letra, palavra por palavra.

Nesse contexto, a leitura passa a ser uma atividade que implica em estratégias de relação, antecipação, indução e verificação, sem as quais não é possível aptidão para a realização do ato de ler.

Percebe-se assim que é o uso desses procedimentos que possibilita controlar o que vai sendo lido, permitindo tomar decisões diante de dificuldades de compreensão, avançar na busca de esclarecimentos.

Com base nesse estudo, pode-se entender que ler é, em última instância, não apenas uma ponte para a tomada de consciência, mas também um modo de existir, no qual o indivíduo compreende e interpreta a expressão registrada pela escrita, e passa a compreender-se no mundo.

Conforme esclarece Aguiar (1988, p.16)

Se a escola não efetua o veículo entre a cultura grupal ou de classe e o texto a ser lido, o aluno não se reconhece na obra porque a realidade não lhe diz respeito. Mesmo diante de qualquer texto que a escola lhe proponha como meio de acesso a conhecimentos que ele não possui no seu ambiente cultural, há a necessidade de que as informações textuais possam ser referidas a um background cujas raízes estejam nesse ambiente.

Recomenda-se, portanto, que a formação passe pelo crivo da cultura em que este se enquadra, e compete à escola intermediar essa questão. É de fundamental importância que o ensino inicial da leitura garanta a interação significativa e funcional da criança com a língua escrita, como meio de construir os conhecimentos necessários para poder abordar as distintas

etapas da sua aprendizagem. Em fim, que o texto escrito esteja sempre presente de forma relevante na sala de aula.

Diante de tal constatação, evidencia-se que a escola pode e deve trabalhar desde as séries iniciais, com textos de diversas naturezas, oportunizando aos alunos o contato com linguagens variadas, inclusive, como os literários, que podem criar a possibilidade de o aprendiz explorar e participar de práticas artísticas de uso da língua.

A leitura exerce um papel importante na vida do indivíduo, daí a necessidade de torná-la hábito constante, pois, através da leitura, o educando desenvolve o seu senso crítico e amplia a linguagem que o torna capaz de realizar uma produção escrita de “qualidade”, tendo em vista que quanto mais se lê mais se adquire conhecimento.

3 NOVOS OLHARES SOBRE O ENSINO DE LEITURA

3.1 A leitura e as novas tecnologias

Atualmente, as pessoas estão inseridas num mundo, onde a tecnologia se faz cada Z para um trabalho mais produtivo. O computador tem sido usado como tutor do aluno, uma máquina de ensinar. A tecnologia instrucionista que invadiu os ambientes de aprendizagem precisa ser repensada e transformada em uma tecnologia construtiva, onde o aprendiz possa planejar ações, refletir sobre elas, e formular conceitos e estratégias para novas ações.

A informatização da educação é no momento algo inadiável. Diante da capacidade de atingir níveis cada vez mais altos de compreensão do mundo à nossa volta é que se percebe o conhecimento, e é como ferramenta potencializadora desse desenvolvimento humano que o computador deve ser inserido na sala de aula. Acredita-se ser esse o momento ideal para a busca de novos horizontes na educação. A discussão em torno da informática educativa transcorre de longa data. E seja pelo resultado dessas discussões ou pela mera informação do desenvolvimento econômico e tecnológico, uma “democratização” da informática acontecerá. Cabe a cada um enquanto educadores decidir os rumos dessa democratização, e utilizarmos o lado bom que a era digital tem para inovar e aprimorar nossa prática docente.

3.2 Fatores que dificultam a aprendizagem do leitor

Sabe-se que é muito grande o leque de fatores que podem estar dificultando a aprendizagem do indivíduo. Diante disso, a psicopedagogia e a psicologia revelam algumas condições necessárias para que a aprendizagem ocorra sem nenhuma interferência.

Para psicopedagogia e psicólogos, os problemas e dificuldades de aprendizagem podem ser decorrentes de fatores orgânicos tais como: problemas de visão, fala, audição, neurológicos, de saúde em geral, condições de abrigo e conforto para o sono, alimentação inadequada etc. Há também que ressaltar os fatores ambientais que são decorrentes das possibilidades que o meio lhe fornece, quantidade e qualidade de estímulos, características de moradia, bairro, escola, acesso a lazer e esporte, à cultura.

De acordo com Fernández (apud MONTEIRO, 2004, p.42),

O problema de aprendizagem relativo ao fracasso escolar, afeta o aprender do sujeito em suas manifestações sem chegar a aprimorar a inteligência: muitas vezes, surge do choque entre o aprendiz e a instituição educativa que funciona de forma segregadora. Para entendê-lo e abordá-lo, devemos apelar a situação promotora do bloqueio. A criança que está nessa situação não precisa, na maioria das vezes, de tratamento psicopedagógico. A intervenção do psicopedagogo é necessária, mas será dirigida, fundamentalmente, à instituição educativa.

Alguns desses problemas são gerados dentro da própria escola, são os problemas gerados por fatores escolares, tais como as dificuldades na relação professor-aluno, nas relações entre os alunos, inadequação dos métodos didáticos, não aceitação da troca de professor, dificuldades de adaptação ao ambiente escolar, número excessivo de alunos por sala de aula, etc.

As condições de trabalho dos professores também não podem deixar de ser analisados. Um número muito grande de alunos por sala pode prejudicar a atuação desse profissional, assim como outros fatores, como, por exemplo, uma sobrecarga de exigências burocráticas, excesso de projetos sem terem sido discutidos nem tão pouco planejados com o professor.

Para que o leitor realmente evolua, além de codificar as palavras, os signos, ele precisa assumir o modo da compreensão, isto é, manter uma postura diante do texto, transformando-o e transformando-se. Em outras palavras, a sua aprendizagem só será significativa ao passo que ele conseguir compreender-se dentro da leitura.

A respeito disso, Safady (apud SILVA, 2000, p.44) afirma que

Ler é, em última instância, não só uma ponte para a tomada de consciência, mas também um modo de existir no qual o indivíduo compreende e interpreta a expressão registrada pela escrita e passa a compreender-se no mundo.

Entende-se, assim, que a aprendizagem bem sucedida pauta-se na condição que o leitor tem de compreender, concordar, discordar daquilo que leu e, principalmente, ele precisa compreender-se dentro do universo da leitura para que possa solucionar todas as problemáticas.

Vale ressaltar, ainda, que estes alunos podem não ter sido preparados com eficiência desde as séries iniciais, uma vez que a leitura não foi trabalhada com aprofundamento, e desta forma o conhecimento destes alunos se torna limitado. Outros pontos que também interferem são os aspectos formativos deste aluno, bem como a procedência familiar em que, na maioria das vezes, suas vivências contribuem para isso, em muitos casos, a família não valoriza a escola e nem a vê como uma extensão de sua casa, ao passo que a aprendizagem deve ser uma continuidade daquilo que também se menciona na escola.

Outro entrave que faz com que o processo não se desenvolva vem a ser uma conseqüência de professores desmotivados, ou até mesmo despreparados para uma docência, dificultando o processo para a aquisição do conhecimento dos alunos, fortalecendo a deficiência nas demais séries, disciplinas e modalidades de ensinos, que também são prejudicados pela falta de material didático para ser utilizados pelo menos em sala de aula.

Assim, entende-se que é indispensável o esforço conjunto de todos os promotores de educação e que sejam capazes de mudar e preencher as lacunas que ainda existem no campo da leitura e, conseqüentemente, desmistificarem o aprender a ler, só assim haverá alunos capazes de se projetar no mundo do entendimento, e os resultados serão os bons frutos semeados para uma sociedade mais justa.

3.3 Família x Escola no ensino aprendizagem

Sabe-se que é no seio da família que as primeiras aprendizagens acontecem e onde se estabelece a modalidade do sujeito, aspecto que torna indispensável, no que se refere aos problemas de aprendizagens. Por essa razão, é importante para o educador conhecer a estrutura de vida dos alunos, para que assim saibam agir diante de tantas diferenças de comportamento.

A família assume um papel fundamental na formação de uma criança, pois através da afetividade familiar entre pais e filhos, com a participação direta da família na aprendizagem

do aluno é que ele recebe uma educação de qualidade, e consegue ter na escola, uma situação confortável para desenvolver naturalmente tal aprendizagem.

Diante disso, acredita-se que a família tem o poder de transformar seus filhos, uma vez que o lar permite uma troca de energia muito forte no qual os veículos afetivos são a base para a solução dos problemas.

A respeito desse assunto, Andrade (apud MONTEIRO, 2004, p.58) ressalta que

A família é considerada, então, como possibilidade de leitura do subtexto, do dito que não é verbalizado, mas sentido, percebido e simbolizado. É a grande fonte de afetos, da energia que permeia a possibilidade de conhecer/desconhecer.

Nesse caso, a família é um núcleo da sustentação no qual o educando busca uma proteção afetiva para crescer como profissional e, principalmente, como ser humano que é, uma vez que não conta com essa afetividade tem a sua aprendizagem comprometida, sendo assim, ele começa a manifestar sinais de rebeldia, indisciplina na sala de aula e, posteriormente, mostra-se muito agressivo com as pessoas que o cercam.

Segundo Andrade (apud Monteiro, 2004, p. 58),

A família é o primeiro núcleo social que abriga o homem. É ela quem vai dar condições à criança de construir seus modelos, de aprender e aprender. A família coloca-se como o filtro que capta o colorido, modificando-o, integrando-o ao seu próprio espectro e nesse movimento vai contribuindo para a individualização da criança que chega ao seu ventre.

Convém, então, ressaltar que a família é a base da educação do mesmo, por meio dela a criança aprende os princípios essenciais da vida, embora ainda esteja dentro do ventre da sua genitora, interage e estabelece uma relação de amor recíproco.

Já em relação à escola no que se refere à aprendizagem, ela tem que descobrir sua função, e os educadores precisam discutir mais sobre os serviços que estão prestando à sociedade.

Para Freire (apud MONTEIRO, 2004, p. 73).

A tarefa fundamental do educador e da educadora é uma tarefa libertadora. Não é para encorajar os objetivos do educador e as aspirações e os sonhos a serem produzidos nos educadores, os alunos, mas para originar a possibilidade de que os estudantes se tornem donos de sua própria história. É assim que eu entendo a necessidade que os professores têm de transcender sua tarefa meramente instrutiva e assumir a postura ética de um educador que acredita verdadeiramente na autonomia total, liberdade e desenvolvimento daqueles que ele ou ela educa.

Observa-se que o verdadeiro educador não se limita a uma simples educação que “forma”, “molda”, “controla”, “ajusta”, “acomoda”, ou seja, prepara apenas para uma engrenagem, contudo a grande tarefa do educador/educadora que se preza propaga a auto-iniciativa, o auto-controle, a auto-avaliação, enfim, abre os sentidos para a vida, para o mundo, para o outro e é calcado não no autoritarismo, mas no respeito.

Logo, a escola é, de fato, uma porta para a democracia porque sem ela não se pode de maneira alguma salientar que é por meio da educação um dos passaportes para que se possa adquirir a cidadania e uma vida com dignidade, desde que ela venha transmitir confiabilidade aos educandos e educadores. Portanto, o que se deseja de verdade, é que a escola possa preparar o homem para viver melhor em sociedade.

3.4 Metodologias utilizadas em sala de aula no processo de aquisição de leitura

Aprendizagem da leitura na escola têm sido a grande preocupação de muitos estudiosos e pesquisadores que vêm trabalhando na busca de compreender a formação do pensamento da criança, do jovem ou adulto quando estiver aprendendo a ler.

Nesse sentido, é imprescindível que o professor desenvolva um trabalho intenso, selecionando textos que possam desenvolver o uso eficaz da linguagem em atividades de escuta, leitura, fala e escrita, buscando desenvolver no aluno a capacidade de atuação construtiva e transformadora das idéias, desenvolvendo também princípios de cooperação, formação de atitudes tão necessárias no exercício da cidadania.

Para isso, o professor precisa planejar programar e dirigir as atividades didáticas, como o objetivo de desencadear, apoiar e orientar os alunos ao acesso dessa linguagem.

Entretanto, para obter os resultados que a realidade exige não é qualquer texto que vai garantir a eficácia no ensino da leitura, e da escrita. A escola deve observar o interesse e a necessidade dos alunos, como nos mostra os PCN:

Não se formam bons leitores solicitando aos alunos que leiam apenas durante as atividades na sala de aula, apenas no livro didático, apenas porque o professor pede. Eis a primeira e talvez a mais importante estratégia didática para a prática de leitura: o trabalho com a diversidade textual sem ela pode-se até ensinar a ler, mas certamente não se formarão leitores competentes. (BRASIL 2001, p. 55)

Deve-se também incentivar a prática de leitura fora do contexto escolar, já que as horas passadas na escola não são suficientes, para aprendizagem e um maior desenvolvimento da leitura.

Algumas pesquisas têm de contribuído de modo significativo no sentido de se compreender um pouco como ocorre a aquisição dos códigos de leitura, mas, por outro lado, causa grandes inquietações por parte dos professores e educadores, de modo geral, visando melhorar a qualidade da educação de nosso país. Tal inquietação desencadeou outras inúmeras pesquisas, agora na procura de métodos mais “eficientes” para o processo de alfabetização, conforme nos reforça Kato (1999, p. 5)

É comum sentir-se nessas ocasiões uma preocupação obsessiva por parte dos educadores por “métodos” de alfabetização, preocupação essa causada pela busca ansiosa de um instrumento seguro para a consecução dos objetivos mínimos da escola: ensinar a ler e a escrever.

No entanto, sabe-se que não é o método em si que assegura ao professor ou a qualquer outro profissional um trabalho de qualidade, pois, é necessário que cada profissional tenha um conhecimento consistente de seu objeto de trabalho. Quanto ao professor, ele precisa necessariamente conhecer quais são os mecanismos que facilitam o aluno a aprender ou não determinado conteúdo. Nesse caso, como se trata da aquisição da leitura, o professor tem que compreender como se processa o pensamento em relação à aprendizagem da leitura.

FRANCHI (apud Ferreiro, 1999, p. 20) ressalta:

É importante levar em conta também o saber das crianças a respeito da escuta: como elas conhecem? Que propriedade específica identificam nos objetos escritos? Alguma resposta a essas questões podem ser obtidas pela observação dos primeiros materiais escritos, desde os grafismos até os ensaios de uma escuta alfabéticos.

De posse desse conhecimento, o educador pode elaborar não um “método”, mas uma boa proposta baseada em intervenção que, certamente, traria o sucesso junto ao aprendiz. Nesse caso, a melhor solução é não criar métodos milagrosos para assegurar a aprendizagem, até porque eles não existem.

É preciso também que a escola utilize em sala de aula trabalhos com livros paradidáticos, mas sem adotá-los, isto é, os livros deverão ser escolhidos espontaneamente pelos alunos e, posteriormente, serão ou poderão se dramatizados ou apresentados pelos próprios alunos. Portanto, o mais importante neste processo é fazer com que os sujeitos

envolvidos se descubram enquanto seres capazes de agir para a transformação do meio social e na conquista e realização dos seus sonhos.

4 AQUISIÇÃO DA LEITURA NA ESCOLA

4.1 A importância da biblioteca nas instituições educacionais

A biblioteca é vista como um tesouro na escola. É capaz de operar milagres em que se apossar dela. Desde que a mesma tenha as diversas leituras, sendo que é esta prática que pressupõe o trabalho com a diversidade de textos que caracterizam as práticas de leitura de fato. Diferentes objetivos exigem diferentes textos.

Conforme (BRASIL 2001, p. 92),

Na biblioteca é necessário que sejam colocados à disposição dos alunos textos dos mais variados gêneros, respeitando os seus portadores: livros de contos, romances, poesia, enciclopédias, revistas, (infantis, em quadrinhos, de palavras cruzadas e outros jogos), jornais, livros de consulta das diversas áreas do conhecimento, almanaques, revistas de leitura de cordel, textos gravados em áudio e em vídeo, entre outros.

O papel da biblioteca escolar é, cada vez mais, aplicado para organização de critérios de seleção de materiais impressos de qualidade e para a orientação dos alunos, de forma a promover a leitura prazerosa e provavelmente possibilitar aos alunos o gosto para frequentar a mesma. Diante de tal constatação, a biblioteca precisa de pessoas capacitadas para motivar e tornar mais acessível o encontro dos alunos com os livros, isto é, familiarizar desde muito cedo, mantendo assim um contato direto com a leitura de qualidade.

A biblioteca não deve ser mais vista como um lugar de pleno silêncio, mas uma sala de pesquisa também. Ela deve funcionar como um lazer, e ao mesmo tempo como fonte de informação de novos conhecimentos.

Sugere-se que sejam oferecidas aos alunos algumas condições favoráveis para que os mesmos sintam-se atraídos pela leitura, tendo como base a biblioteca.

- ✓ Agilizar o contato com os livros, para que os alunos possam manuseá-los, de modo que eles possam ser bons amigos;
- ✓ Facilitar o acesso das informações sobre a atualidade, como jornais da semana, revista mensais, entre outras, para não deixá-los restritos a um só tipo de leitura;
- ✓ Permitir que alunos levem os livros para casa assim o contato será mais consistente;

- ✓ Promover atividades diversas que estimulem os educandos a escreverem os seus próprios textos, partindo de suas gravuras e textos já bem conhecidos;
- ✓ Transformar a sala de aula sempre que possível num “espaço-biblioteca”, analisando a infraestrutura até os últimos materiais que envolvem a leitura, deixando os alunos bem à vontade.

Acredita-se que os professores precisam também aguçar o prazer pela leitura, de modo que deixem os alunos desenvolverem a sua imaginação, assim o aluno não terá tédio para escutar ou ler uma história, ler para compreender, construindo o seu próprio pensamento.

Sobre isso, Bastos (1982, p.59) argumenta.

Creio haver provado que só há uma solução para os problemas brasileiros da educação. Uma única. Exclusivamente uma, levar a educação a sério. É enfrentar a tarefa de criar, aqui e agora, para todas as crianças, a escola primária universal e gratuita que o mundo criou.

Diante de tal constatação, evidencia-se que é necessário que aconteçam grandes transformações na educação brasileira, e que uma delas seja a ampliação ou construção de, mas bibliotecas públicas para todo o país.

Para desenvolver o hábito do aluno em frequentar a biblioteca, exige-se da escola um trabalho sistemático, além do mais, é preciso levar em conta alguns desses aspectos:

- ✓ Incentivar os alunos no que se refere à utilização da biblioteca para leitura, estudo e pesquisas;
- ✓ Criar biblioteca na escola e “reaquecimento” das já existentes;
- ✓ Contar com o trabalho de professores devidamente treinados;
- ✓ Ter o apoio das autoridades competentes, que tenham uma ligação direta com a educação e o ensino, para fortalecer o funcionamento das bibliotecas escolares, a luz de sua real importância para o processo ensino-aprendizagem.

4.2 Formação do docente

De acordo com o Referencial para Formação de Professores (2002, p.38) o modelo convencional de formação inicial e continuada dos professores da educação vem sendo bastante questionado nos últimos anos, principalmente, pela sua eficiência verificada. Além disso, tem também contribuído para o processo da desvalorização do magistério. Cada vez mais os próprios profissionais da educação têm assumido esse questionamento e defendido

que a formação adequada e de qualidade é um direito que lhe compete – superando, dessa forma, uma visão reducionista de que a crítica à formação inadequada de que dispõe implicaria essa acusação de incompetência profissional.

Os cursos de graduação oferecem a disciplina Prática de Ensino que contribui na formação docente principalmente quando o formador estimula a reflexão sobre as teorias apresentadas e sobre as experiências de ensino ao invés de oferecer “um receituário de atividades para a sala de aula” (GIL, 1996, p.95).

A formação continuada e a participação em cursos de pós-graduação também contribuem significativamente no desempenho do professor em sala de aula embora muitos docentes não tenham condições de participar de cursos por motivos financeiros, falta de tempo ou excesso de trabalho. É preciso ter consciência da importância da formação continuada e perceber e perceber que a conclusão da graduação não significa o término da sua formação, pois, sem formação continuada, sua prática será baseada na competência implícita, ou seja, nas suas crenças e experiências.

Atualmente, ainda não há estudos conclusivos a respeito da relação entre formação profissional do professor e aprendizagem escolar de crianças e jovens. Existem inúmeros indicadores de que a habilitação e a formação em serviço não garantem melhores resultados na aprendizagem dos alunos, por outro lado, há evidências que confirmam essa relação, embora não entenda como uma relação mecânica e diretamente profissional.

De um modo geral, em qualquer campo da atuação, profissionais com boa formação alcançam melhores resultados do que profissionais com formação ruim, a questão, portanto, seria o tipo de formação a que tiveram acesso os professores: ter ou não habilitação e oportunidade de formação em serviço não parece ser propriamente o ponto. Tudo leva a crer que o que de fato conta é a qualidade da formação de que dispõem.

Segundo esse raciocínio Castro (1999, p. 43) enfatiza que

O censo escolar de 1998 revelou que havia, em todo país, cerca de 100 mil professores leigos no Ensino Fundamental, isto é, professores sem a formação mínima exigida – curso de magistério para lecionar de 1ª a 4ª série e licenciatura para lecionar de 5ª a 8ª série. Os professores leigos estão mais concentrados nas regiões Nordeste (65,5% de 90%) e em escolas rurais.

Esses dados vêm confirmar que a precariedade da educação brasileira não reside apenas na ausência de aspectos materiais, mas com o despreparo dos profissionais que atuam nesta área, com isso a qualidade e a produtividade da educação nacional tornam-se deficientes

desde as séries iniciais. Pode-se, perceber, ainda, que nas regiões menos prestigiadas economicamente, as escolas públicas e a zona rural são as realidades mais críticas.

A lei Nº. 9.324, de 1996, que regulamente o Fundef, estipulou um prazo de cinco anos para que os professores leigos obtenham a habilitação necessária ao exercício das atividades docentes. A LDB foi mais longe ao prever que, até o fim da década da educação – dezembro de 2006 – somente serão admitidos professores habilitados em nível superior ou formados por treinamento em serviço, 45% dos professores dos ensinos Fundamental e Médio não possuem formação superior, o que corresponde, em número absoluto, a 824 mil docentes. Para cumprir a exigência da LDB, será necessário habilitar mais de 100 mil professores por ano até 2006. Portanto, um dos principais desafios educacionais do país na primeira década será aumentar a escolaridade dos professores, fator crucial para a melhoria da qualidade do ensino.

De acordo com Castro (1999, p. 45) em relação ao perfil de formação do magistério, as diferenças regionais são bastante acentuadas.

As regiões Norte e Nordeste apresentam proporção três vezes menor de professores do Ensino Fundamental com formação em nível superior (17,8% e 24, 5%, respectivamente em comparação com as regiões Sul e Sudeste (62,5% e 63,4%, respectivamente) na região Centro-Oeste, 49% dos professores têm nível superior.

Diante desta realidade, pode-se concluir que Norte e Nordeste enfrentarão um desafio extra nos próximos anos, além de garantir a universalização do acesso e a permanência e progressão das crianças no sistema educacional. É necessário dá capacitação a um grande número de professores, sem a qual será impossível melhorar os indicadores de eficiência de ensino.

De acordo com o referencial para Formação de Professores (2002, p. 38) a nova LDB (Lei 9. 394/96) assim dispõe sobre a formação d profissionais de educação em seu artigo 62.

A formação de docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura, de graduação plena, em universidades e institutos superiores de educação, admitida, como formação mínima para o exercício do magistério na educação infantil e nas quatro primeiras séries do ensino fundamental, e oferecida em nível médio, na modalidade normal esse artigo implica que conseqüentemente, uma maior formação docente, tendo como conseqüência não só a valorização dos profissionais que atuam nesses níveis, mas também, um aperfeiçoamento de todo processo ensino-aprendizagem.

Percebe-se que além de representar uma situação dramática, a existência de uma totalidade de 225.577 professores sem habilitação para o exercício profissional indica a necessidade de se prever um processo entre a realidade atual e o atendimento às determinações da Lei de Diretrizes e Bases no que se refere à formação profissional o que implica oferecer formação incompleta do ensino fundamental, todavia, avanços podem ser constatados.

Nota-se, assim, que existe uma educação fundamentada em documentos e estudos em vários aspectos e com propostas eficazes, espera-se, porém, que tudo resulte em ações concretas, mudando o perfil da educação, e oferecendo mais oportunidades para os profissionais envolvidos com Educação.

4.3 O percurso da escola x prazer

É muito comum a afirmação de que o ato de ler para muitos é tido como uma obrigação, pois muitas pessoas só a fazem para cumprir uma exigência da disciplina que está estudando. Outras se contentam apenas em extrair informações, isto é, realiza a leitura informativa, porém, pouco valoriza outros aspectos importantes existentes dentro desse universo de conhecimento.

Como se isso não fosse o suficiente, o leitor que se sente obrigado a ler está apenas preocupado em assimilar, decorar nomes e termos sem os quais é inevitável para manter-se no seu curso e, principalmente, estes estão compelidos pela permanência de seus respectivos cargos. No caso dos alunos, eles sentem-se forçados a realizar a leitura por questão da disciplina que exige a leitura de um livro, de uma revista, de um jornal escrito, desse modo, a única preocupação do aluno é cumprir com essa exigência determinada pelo professor. Infelizmente, o ensino contenta-se em fornecer-lhe apenas um conjunto de regras, temos exceções com as quais é obrigado a conviver, e cuja funcionalidade pode ser colocada em xeque.

Cabe, assim, à escola capacitar o aluno a ser um produtor/leitor eficiente, por meio de atividades que o levem a enxergar e se utilizar da leitura e da escrita como ricos instrumentos de possibilidades comunicacionais.

No que diz respeito à responsabilidade e à necessidade de fazer da leitura uma fonte de prazer, deve ser meta principal das instituições escolares, pois os alunos necessitam penetrar nesse universo da leitura e assim, adquirir as competências necessárias para a formação de um leitor competente.

Percebe-se que a leitura na escola tem sido fundamentalmente, um objeto de ensino e para que possa ser um objetivo de aprendizagem é necessário que atividades da leitura devam preservar a natureza do ato de ler sem, no entanto, perder as características como acontece, atualmente em nossas escolas.

Sendo assim, a seleção de textos destinados às salas de aula, devem ser atrativa aos educandos, diferenciados e modernos.

Nesse sentido, a escola precisa buscar uma visão teórica e prática sobre o ensino da leitura com o objetivo de criar novas oportunidades de leitura. É evidente que da forma como a leitura apresentada na escola, não será possível despertar o gosto pela leitura.

Quando se fala de leitura, deve-se ter a preocupação na compreensão do real sentido da leitura e, principalmente, das possibilidades de que os alunos precisam ter acesso para que possam tornar-se reais usuários da leitura.

A respeito disso, Freire (1985, p. 17) afirma que

A leitura precisa ser antes de tudo um objeto de conquista na vida dos educandos, para que posteriormente eles possam adentrar no vasto universo da leitura e assim encontrar razão para tornarem-se leitores motivados e então adquirirem o hábito da leitura espontânea.

4.4 Motivação

Alguns pesquisadores apontam que a auto-estima elevada interfere no bom desempenho em sala de aula.

Pessoas com a auto-estima elevada apresentam algumas características como: racionalismo e realismo, criatividade, independência, flexibilidade, capacidade para enfrentar e superar obstáculos, disponibilidade para admitir e corrigir erros, cooperação, persistência e determinação.

Ter a auto-estima elevada significa ter motivação para ensinar e/ou aprender mesmo com a escassez dos recursos materiais disponíveis na sala de aula. De acordo com Jurema (2005, p. 53)

A motivação consiste em ofertar ao aluno os estímulos e incentivos adequados para tornar a aprendizagem mais eficaz. Desse modo, os recursos didáticos, os procedimentos de ensino, o conteúdo, as atividades práticas e exercícios são ferramentas imprescindíveis para atrair e despertar o interesse dos alunos. Além disso, a maior fonte, no entanto, é a personalidade do professor.

Geralmente, os alunos optam pelas disciplinas lecionadas por professores amigos, ou associados a situações confortáveis e a recursos e procedimentos apropriados. Enquanto as

disciplinas menos preferidas pelos alunos são aquelas associadas a indivíduos antipáticos, a situações desagradáveis e a recursos e procedimentos desatualizados.

No que se refere ao professor, vale ressaltar que ele atua não só pelo que diz e faz, mas pelo que ele representa como um todo. Nesse sentido, o ato pedagógico não pode ser simplesmente o ato de uma incitação intelectual ao conhecimento; é também uma forte relação afetiva entre o professor e os alunos, uma vez que essa relação afetiva deve ser vivenciada em todas as suas dificuldades que pressupõe.

Diante de tal constatação, a atividade de “motivação” não é tarefa das mais fáceis, tendo em vista que o professor muitas vezes conhece as teorias e técnicas de motivação da aprendizagem, porém, ele próprio, não está motivado para ensinar. Sendo assim, os alunos percebem essa motivação e, apesar de todas as alternativas e métodos de ensino utilizados, eles não demonstram maior entusiasmo pela matéria.

Sabe-se que a falta de motivação para aprendê-lo advém de uma série de insuficiências, como por exemplo, um aluno com fome ou muito exausto, a ausência de afetividade dada pela família. Nesse sentido, é imprescindível que o professor tenha em mãos todos os fatores que influem no comportamento humano: psicológicos, sociológicos, econômicos, políticos, biológico. Assim, a motivação depende necessariamente desses fatores para que a aprendizagem seja bem sucedida.

A condição de vida dos alunos é, sem dúvida, a maior de todas as sustentações para que eles consigam ter razões para aprender, pois, as crianças, de famílias menos prestigiadas vivem em casas super-habitadas, assumem logo cedo o serviço doméstico, não passeiam, não contam com nenhuma forma de diversão, enfim, são mal alimentados, circulam num universo verbal restrito e vivem num ambiente cultural totalmente diferente do escolar.

Sabe-se, assim, que é bastante difícil para qualquer aluno que pertença a essa classe obter níveis satisfatórios na estrutura escolar. As estatísticas confirmam que as crianças vindas das classes sociais menos favorecidas apresentam os piores resultados escolares, com isso são excluídos das carreiras longas e “nobres” e das posições a que estas dão acesso.

Em suma, a problemática da motivação torna-se bem mais ampla e complexa do que se pensa. O professor não pode, de modo algum, considerá-la simplesmente como um processo exclusivamente psicológico ligado a interesses, ajustamento ao meio ou ao desenvolvimento cognitivo. Enfim, é imprescindível que o professor se torne um agente de transformação social.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através do estudo realizado sobre leitura: necessidades e prazer percebe-se que estes são aspectos que merecem uma reflexão consciente tanto da escola como na atuação do professor.

Nesse sentido, constatou-se que um dos motivos para inúmeras insuficiências na aprendizagem da leitura advém de um método tradicionalista e ultrapassado utilizado nas escolas, isto é, a escola permanece aplicando um ensino descontextualizado e, principalmente, associado a exercícios mecânicos que exigem uma codificação e decodificação de palavras, frases, no entanto, pouco tem valorizado a produção de textos em sala de aula.

Diante dessa problemática que envolve a leitura, constata-se que não basta simplesmente ensinar aos alunos a condição de ler e escrever, e, ainda, saber como utilizar outros mecanismos, outros recursos didáticos em prol de uma aprendizagem mais eficiente e consistente. No entanto, justifica-se que é indispensável que a escola desenvolva atividades que despertem nos alunos a curiosidade, o prazer de ler e escrever para que, assim, eles possam fazer o uso a curiosidade, o prazer de ler e escrever para que, assim, eles possam fazer o uso da língua com mais eficiência e competência.

Nesse contexto, a proposta é que, a partir desse estudo, a escola e, principalmente os professores, trabalhem com mais intensidade a leitura e produção de textos em sala de aula, criando a hábito para que os alunos leiam todos os gêneros textuais e, assim, desenvolva a sua própria produção textual para que assim possam compreender a beleza e o funcionamento da língua que fala.

Acredita-se, que a partir de uma leitura dinâmica, diversificada de textos, o aluno será capaz de compreender o que leu e, conseqüentemente, terá seus próprios argumentos para produzir textos.

Sendo assim, deseja-se que o professor, como mediador do conhecimento que, possa desenvolver a competência lingüística dos alunos, formando assim bons leitores e produtores de textos, no entanto, esse aluno competente precisa compreender o que está escrito nas entrelinhas, ou seja, ir além do que está escrito.

Espera-se, portanto, que o professor possa despertar no aluno não só o gosto pela leitura, mas que desenvolva diversas habilidades de leitura que venham fazer com que o aluno passe a executá-la e percebê-la como uma fonte de prazer e como uma necessidade.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Vera Teixeira de; Bordoni, Maria da Glória. **Literatura: a formação do leitor: alternativas metodológicas.** Porto Alegre. Mercado Aberto, 1998.
- BRASIL, Ministério da Educação. Secretaria da Educação. **Parâmetros Curriculares Nacionais: língua portuguesa: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental** Brasília, 1998.
- BRASIL, **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa: Ciclos do Ensino Fundamental.** Brasília: MEC/SESC, 2001.
- BASTOS, Silvia Aparecida. **A leitura e a escrita em pleno Brasil Colonial.** São Paulo, Brasiliense: 1982.
- CASTRO, Amélia A. C. **Revista Presença Pedagógica.** 1999
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler.** São Paulo: Cortez, 1985
- FERREIRO, Emília. **Reflexões sobre a Alfabetização.** São Paulo: Cortez, 2001.
- GERALDI, João Wanderley. Prática da leitura na escola. In: Geraldi (org.) **O texto na sala de aula.** 3. Ed. São Paulo: Ática, 2005.
- GILNETO, Antônio. **A produção de texto na escola: uma trajetória da palavra.** 4. Ed. São Paulo: Edições Loyola, 1996.
- MORAIS, José. **A arte de ler.** São Paulo: Editora da Unesp, 1996.
- MONTEIRO, Mara M. **Leitura e escrita: uma análise dos problemas de aprendizagem.** Petrópolis: Vozes, 2004.
- MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura.** São Paulo: Editora Brasiliense, 1986.
- Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria da Educação Fundamental. Referenciais para formação de professores. 2. Ed. Brasília: MEC/SEF, 2002.
- KLEIMAN, Ângela. **Texto e leitor: aspectos cognitivos das linguagens.** 5. Ed. Campinas-SP: Pontes, 1997.
- KATO, Mary. **Aprendizado da leitura.** 5. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999. (Texto e Linguagem).
- RANGEL, Jurema N. Mendes. **Leitura na Escola.** Porto Alegre: Mediação, 2005.
- SMITH, Frank. **Leitura significativa.** 3. Ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.
- SILVA, Ezequiel Theodoro Da. **O ato de ler: fundamentos psicológicos pra uma nova pedagogia.** 8. Ed. São Paulo: Cortez, 2000.